

## A emergência de experiências públicas no Jornalismo em Quadrinhos na contemporaneidade: produção de presença em *Notas de um tempo silenciado*

The emergency of public experiences in Comic Book Journalism in contemporary times: production of presence in *Notes from a silenced time*

Júlio César Rocha Conceição

Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Frutal, Brasil. E-mail: julio.conceicao@uemg.br

Rennan Lanna Martins Mafra

Professor Associado II na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Viçosa, Brasil. E-mail: rennan.mafra@ufv.br

### Resumo:

Esse trabalho tem a finalidade de compreender como o ficcional, presente nos contextos do Jornalismo em Quadrinhos, se apresenta como gesto potente à abertura de horizontes na experiência dessa linguagem, a partir da intensificação de passados. Escolhemos como *corpus* o livro *Notas de um tempo silenciado*, de Robson Vilalba. Utilizaremos preceitos das histórias em quadrinhos e do jornalismo em quadrinhos abalizados em Waldomiro Vergueiro, Joe Sacco e Augusto Paim. Faremos uma discussão da fundamentação teórica lançando mão de autores como Walter Benjamin, Reinhart Koselleck, Hans Ulrich Gumbrecht e Marcelo Rangel. A partir de uma análise textual, os principais resultados apontam para o JQ como materialidade da comunicação, potencialmente produtora de atmosferas de presença a passados não acolhidos em contextos contemporâneos, contrariando as tentativas modernas de silenciamento da ideologia do progresso.

### Palavras-chave:

Jornalismo em Quadrinhos; Temporalidades; *Stimmung*; Fragmentos; Atmosfera.

### Abstract:

This work aims to understand how the fictional, present in the contexts of Journalism in Comics, presents itself as a powerful gesture to open horizons in the experience of this language, starting from the intensification of the past. Therefore, the book *Notes from a silenced time*, by Robson Vilalba was chosen as a *corpus*. We will use precepts of comics and comic book journalism based on Waldomiro Vergueiro, Joe Sacco and Augusto Paim. We will discuss the theoretical foundation using authors such as Walter Benjamin, Reinhart Koselleck, Hans Ulrich Gumbrecht and Marcelo Rangel. Based on a textual analysis, the main results point to the CBJ as a materiality of

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

communication, potentially producing atmospheres of presence to pasts not embraced in contemporary contexts, contradicting modern attempts to silence the ideology of progress.

**Keywords:**

Comic Book Journalism; Temporalities; Stimmung; Fragments; Atmosphere.

## 1 Introdução

Por meio da análise estética proposta por Hans Ulrich Gumbrecht (2010), tomaremos o Jornalismo em Quadrinhos (JQ) como uma materialidade da comunicação, ou seja, tentando narrar e examinar os efeitos de sentido e efeitos de presença que esse suporte comunicacional traz. Iniciaremos nossas discussões sobre a presença das materialidades da comunicação, utilizando a obra *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Sendo assim, foi escolhido como *corpus* o livro *Notas de um tempo silenciado*, de Robson Vilalba. O autor apresenta a história silenciada dos brasileiros que passaram pelo medo da ditadura no Brasil. Esses indivíduos, em sua maior parte, são indígenas, negros, guerrilheiros e mulheres. Nem todas as histórias sobre a ditadura foram contadas, outras se conservam esquecidas ou silenciadas. Ainda assim, não foram apagadas da memória individual e coletiva da resistência ao Golpe de 64. A seleção de nosso *corpus* se explica pelo estilo fragmentário do objeto, com sequências assimétricas e traços fortes em determinadas passagens; como também, a publicação ter como principal valor dar voz a personagens reais, que participaram da história violenta daquele tempo, e que ainda estavam relativamente silenciados; por fim, o destaque de aspectos da repressão pouco contempladas, até mesmo pela vasta produção literária e historiográfica sobre o período, em especial a coação que se abateu sobre populações indígenas durante a ditadura. Como procedimento metodológico utilizaremos: *Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual*, na qual, Gumbrecht (2021) aborda movimentos sobre textos, divididos em cinco capítulos específicos, são eles: *Identificando fragmentos; Editando textos; Escrevendo comentários; Historicizando as coisas e Ensino*.

O artigo está organizado nas seguintes partes: O Jornalismo em Quadrinhos e a mobilização do vivido: literatura e pesquisa sobre História em Quadrinhos; O horizonte histórico moderno e a ideologia do progresso: dificuldades à intensificação de passados; e por último, nossas análises e considerações. Primeiramente, discutiremos preceitos das histórias em quadrinhos e do jornalismo em quadrinhos abalizados em Waldomiro Vergueiro, Joe Sacco e Augusto Paim. Em segundo, iremos fazer uma discussão da fundamentação teórica lançando mão de autores como Walter Benjamin, Reinhart Koselleck, Hans Ulrich Gumbrecht e Marcelo Rangel. Após, retomaremos os índices que iremos apresentar e, em seguida, partiremos para a análise do livro já mencionado. Ao final, teceremos conclusões das partes analisadas e apontaremos para demandas de continuidade às formulações aqui apresentadas.

## **2 O Jornalismo em Quadrinhos e a mobilização do vivido: literatura e pesquisa sobre História em Quadrinhos**

As pesquisas sobre quadrinhos no Brasil, de acordo com Waldomiro Vergueiro (2017, p. 60), já contabilizam meio século de existência, mas essa trajetória teórica não é ainda conhecida por muitos que hoje aprofundam as investigações sobre esse produto narrativo e artístico. Vergueiro (2017, p. 44), ressalta que as histórias em quadrinhos constituem um produto completo enquanto meio de comunicação de massa. Considerando as diversas versões sobre o surgimento dos quadrinhos, pode-se afirmar que eles nasceram ligados àquele que, em seu tempo, era considerado o meio por excelência de comunicação com as grandes massas: o jornal diário, e nele deram seus primeiros e mais significativos passos.

[...] Mais ainda, os autores que desenvolveram os principais recursos da linguagem das histórias em quadrinhos atuaram majoritariamente em jornais, neles fortalecendo a disseminação de personagens e séries que depois vieram a se tornar antológicas e cultuadas no mundo inteiro. Assim, não é de admirar que grande parte dos estudos sobre histórias em quadrinhos se concentraram no campo das Ciências da Comunicação, perpassando e sendo objeto de atenção das várias correntes teóricas da área (VERGUEIRO & SANTOS, 2014 *apud* VERGUEIRO, 2017, p. 45).

De acordo com Vergueiro (2017, p. 39) nesse âmbito de produção, um dos destaques na última década foi o surgimento do chamado Jornalismo em Quadrinhos, dedicado à documentação de acontecimentos e fatos reais. Sendo assim, percebemos que o jornalismo tradicional não consegue dar conta da existência de distintas atmosferas. Em conformidade com Sacco (2016), podemos compreender o quanto o JQ apresenta vantagens em comparação à linguagem do texto jornalístico, o poder do JQ aparece ao abrir o livro, levando a um outro lugar, assim pode-se percorrer ruas, bairros, cidades, países, ver os rostos das pessoas e interagir com o ambiente, movimentos todos estes que criam atmosferas na corporeidade do leitor:

[...] Há desenhos, porém – particularmente cenas que ocorreram no pretérito e que eu não vi com meus próprios olhos –, nos quais sou obrigado a utilizar minha imaginação, ou, ainda, minha imaginação apoiada em pesquisas. Com isso quero dizer que tudo que eu venha a desenhar deve ter sua base nas especificações de temporalidade, lugar e situação que busco reinventar? [...] Creio que é possível almejar precisão no âmbito de uma obra desenhada. [...] (SACCO, 2016, p. 6).

De acordo com Moraes *et al.* (2021), “o jornalista que trabalha com quadrinhos não precisa saber desenhar, pois atua em dupla a exemplo do repórter e do fotógrafo nas redações de jornais, revistas ou sites; ou do repórter e do cinegrafista nas emissoras de televisão”. No entanto, para ser considerada reportagem em quadrinhos, precisa ser resultante de um processo de apuração (PAIM, 2021, *apud* MORAES *et al.*, 2021). Paim (2021) destaca a importância da interação entre jornalista e desenhista ao longo da construção da matéria e a experiência de ambos os profissionais com o objeto do seu trabalho, seja ele a história de um local, seja ele a vida de uma pessoa.

Esse resgate da memória é uma das possibilidades do uso dos quadrinhos no jornalismo. O desenho permite reconstruir cenas que estão apenas na cabeça das entrevistadas e dos entrevistados. Mesmo que haja fotografias do local, o desenho tem a vantagem de transmitir uma atmosfera que nem sempre está presente em fotografias (PAIM, 2021, *apud* MORAES *et al.*, 2021).

É importante destacarmos o processo de apuração das histórias e referências que embasam os desenhos. Sacco (2016) afirma agir como qualquer outro jornalista, tomando notas, conversando com as pessoas e realizando entrevistas, mas aponta uma diferença:

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

[...] quando entrevisto as pessoas e quero apurar algo que já aconteceu, não pergunto “o que aconteceu com você?”, fazendo perguntas que envolvam o visual, que me ajudem a desenhar depois. Quando falam de um campo, pergunto o que há nesse campo, como era, do que se lembram (SACCO, 2011).

O jornalista-quadrinista destaca que toma como base as fotografias realizadas por ele, e que em certas ocasiões não pode fotografar por impedimentos circunstanciais como áreas militares ou zonas perigosas. Quando isso acontece, rapidamente naquele local ele faz o desenho. “Vou atrás de antigas fotos para reconstruir velhos cenários, passeio por lugares históricos. Depois, em casa, com calma, faço o roteiro e só depois começo a desenhar. Esse processo leva anos, faço com calma” (SACCO, 2011). O jornalista diz que os grandes acontecimentos sempre afetam as pessoas, e que sempre há seres humanos por trás dos fatos que devem ser apresentados para que o leitor possa ver o conflito e entender o que aquilo significa para as pessoas.

Quando direcionamos nossos olhares para o passado, temos a impressão de que estamos analisando uma produção de realidade a partir de um gênero que é originalmente ficcional. Sabemos que existem muitas dúvidas e críticas sobre a condição do JQ em ter a consideração legítima e singular dentro dos gêneros jornalísticos, pois, é um modelo capaz de absorver conteúdos com temáticas diversas, como a policial, literária, revista, entretenimento entre outros. Esses aspectos são partes que integram seu conteúdo, mas também a sua forma se caracteriza a partir de reportagens, vivências, histórias e testemunhos. Essa reflexão se refere ao gesto ficcional que busca o jornalismo para legitimar a conexão do testemunho com a realidade histórica; parece-nos que o jornalismo acaba imputando legitimidade ao testemunho, e aí se tem não somente um gesto memorialístico, mas, sobretudo, a pretensão de um gesto historiográfico.

### **3 O horizonte histórico moderno e a ideologia do progresso: dificuldades à intensificação de passados**

Como traço de uma aceleração herdada da modernidade (KOSELLECK, 2014), o jornalismo mostra-se como sintoma de uma velocidade inscrita nas relações sociais, a pressa em divulgar notícias faz com que elas circulem por várias partes do

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Júlio César Rocha Conceição; Rennan Lanna Martins Mafra.  
A emergência de experiências públicas no Jornalismo em Quadrinhos na contemporaneidade:  
produção de presença em *Notas de um tempo silenciado*. p. 170-189.  
DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp170-189

mundo em curto tempo. Da mesma forma, essas notícias tendem a ser prófugas, de modo que ligeiramente são supridas por outras antes mesmo que os espectadores possam subjetiva-las e ainda menos refleti-las.

Vindo à contramão, o JQ se apresenta como forma de trazer à tona, através de textos e imagens, episódios que não foram registrados ou propagados com profundidade no jornalismo tradicional: a história documentada do e no tempo presente tem a envergadura de alcançar aquilo que não teve a oportunidade de realizar-se, iluminando e ampliando campos de visão, gerando outras perspectivas dos mesmos fatos e acontecimentos ou trazendo passagens que não foram contadas. Independentemente de ser gênero ou não, o que importa é que tem algo especial no JQ, e é para esse lugar que direcionamos nossos olhares, um horizonte, no qual, poderemos vislumbrar alguma coisa do *aqui e agora*.

O aqui e agora do original compõe o conceito de sua autenticidade, sobre o qual se funda, por sua vez, a representação de uma tradição que repassou esse objeto até os dias de hoje como um mesmo e idêntico. A totalidade do campo da autenticidade mantém-se alheia à reprodutibilidade – e naturalmente não somente à reprodutibilidade técnica. Enquanto, porém, o autêntico mantém sua completa autoridade em relação à reprodução manual, que via de regra se distingue dele como falsificação, não é esse o caso em relação à reprodução técnica. A razão para tal é dupla. Primeiramente, a reprodução técnica mostra-se mais autônoma em relação ao original do que a manual (BENJAMIN, 2020, p. 56).

Entretanto, não podemos nos esquecer de que o JQ nasce em meio a um contexto contemporâneo jornalístico, pautado pela aceleração. Nesse lugar, segundo Benjamin (2020) a modernidade nos empobreceu, com isso, retirou a habilidade de narrar, desprezando o passado. Notamos que na atualidade parte das pessoas não dão conta dos acontecimentos cotidianos, ou pelo excesso de informações, ou pelo aumento de horas trabalhadas, ou pela falta de tempo para buscar maior conhecimento sobre um fato. Assim, a credibilidade de uma notícia pode ser direcionada a sua primeira aparição enquanto fonte midiática informacional, ou seja, a profundidade que falta às notícias perpassadas pelos meios de comunicação de massa, não se faz presente entorno do leitor/espectador. Enquanto lugar de apreensão e discussão do ordinário significa que o JQ é uma mídia disponível a novas discussões.

Por outro lado, a reportagem em quadrinhos faz ressurgir histórias, por meio de seus textos e imagens, deslocadas do conjunto discursivo e recolocadas nesse contexto intenso de produção do real contendo um gesto historiográfico. Essa economia sentimental, contada a partir de uma ficção narrativa, não simboliza qualquer real, mas uma realidade que reconta e emerge com a intenção de intensificar passados.

O JQ a partir de uma atmosfera sensível tenta reconstituir esse passado utilizando certos recursos imagéticos da própria arte das HQ's, e de um lugar marginalizado dentro dos cânones da leitura – a formação escolástica moderna que direciona a conhecimentos tradicionais. Isso provoca uma emergência de várias linguagens, como as expressões: impressas, fotográficas, cinematográficas, televisivas, digitais, híbridas por natureza.

Pode ser mais ou menos banal observar que qualquer forma de comunicação implica tal produção de presença; que qualquer forma de comunicação, com seus elementos materiais, “tocará” os corpos das pessoas que estão em comunicação de modos específicos e variados – mas não deixa de ser verdade que isso havia sido obliterado (ou progressivamente esquecido) pelo edifício teórico do Ocidente desde que o cogito cartesiano fez a ontologia da existência humana depender exclusivamente, e de um ponto de vista epistemológico, isso também queria dizer que quaisquer posições filosóficas e teóricas que criticassem a rejeição cartesiana do corpo humano como *res extensa* e, com isso, criticassem a eliminação do espaço poderiam tornar-se fontes potenciais de desenvolvimento da reflexão sobre a presença [...] (GUMBRECHT, 2010, p. 38-39).

Para que uma história possa ser recontada ou deslocada é necessário verificar situações ocorridas em passados ocultos, as quais em dado momento foram esquecidas, perdidas ou denegadas, desse modo, permanecendo a necessidade de acolhimento dessas narrativas com o intuito de levá-las à frente, tornando-as uma realidade ativa (RANGEL, 2016), produzindo *presenças*. Destarte, *produção de presença* implica que o efeito de tangibilidade (espacial) advindo com os meios de comunicação está sujeito, no espaço, a movimentos de maior ou menor proximidade e de maior ou menor intensidade (GUMBRECHT, 2010. p. 38-39).

Com isso, podemos entender a palavra *presença*, nesse âmbito, como uma referência espacial. O que é *presente* para nós, é o que está à nossa frente, ao nosso alcance e tangível para nossos corpos. Já a palavra *produção*, também utilizada por

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Gumbrecht, significa *trazer para diante, empurrar para frente*, assim a expressão *produção de presença* destaca que o efeito de tangibilidade que surge com as materialidades de comunicação é também um efeito em constante movimento.

Segundo Benjamin, todo e qualquer pensamento “escolado” (*geschult*) ou orientado por Marx teria de se atentar e mesmo de se constituir a partir da compreensão de que as “coisas finas e espirituais” seriam a origem mesmo da transformação efetiva da história, neste caso, mais especificamente, a partir do esforço teórico, intelectual, dedicado à produção (*producere*, trazer para diante) de uma atmosfera específica adequada àquela atividade (a da igualização e rearticulação da história) (RANGEL, 2016, p. 169).

Assim sendo, inferimos que o JQ apresenta no percurso de suas narrativas algo da ordem de presença indicando implicações diferentes por intermédio das histórias expostas, na obra em análise, que provêm de contextos marginalizados, de histórias vívidas, mas ocultadas de alguma forma. O JQ apresenta uma experiência pública, um sinal estético de aparência e emergência como se produzisse uma narrativa ficcional relacionada com a construção de padrões, normas e regras, colocando em cena um tipo de sujeito que despreza experiências e violências tentando romper essas latências. Estamos diante de um gênero que se arrisca a produzir atmosferas, uma intensificação de um passado do ponto de vista sentimental.

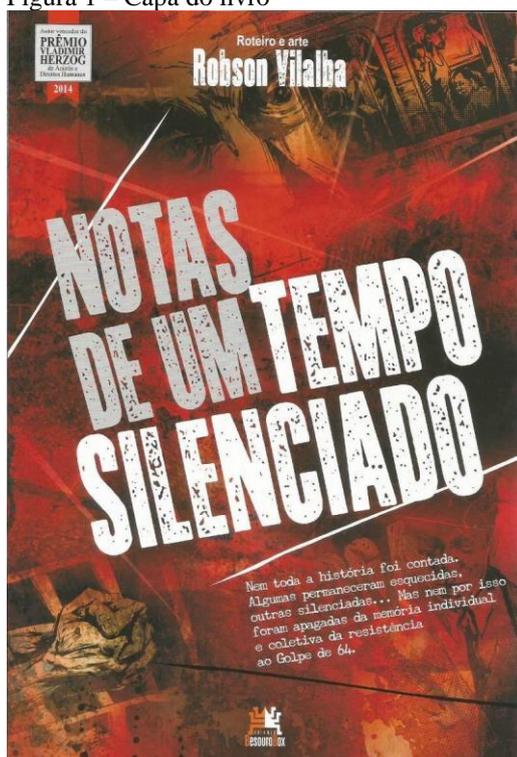
#### 4 Análises

O jornalista-quadrinista, Robson Vilalba, procurou entrevistar o maior número de pessoas que vivenciaram os momentos da ditadura brasileira, de modo a enriquecer com minúcias seus textos. Em cada um deles, assentou os créditos das entrevistas e referências, possibilitando ao leitor saber quais personagens presentes nas histórias particularizaram, a partir do seu ponto de vista, o fato narrado. Procurou dar a cada capítulo<sup>1</sup> uma especificidade, arquitetou as narrativas com breves enredos representados por suas ilustrações.

---

<sup>1</sup> Dos treze capítulos reunidos em seu livro, oito deles fizeram parte da série *Pátria Armada Brasil* publicada pela Gazeta do Povo em março e abril de 2014. Sua intenção era resgatar fatos relativos aos 50 anos do golpe de 1964, que derrubou o presidente João Goulart e deu início a 21 anos de ditadura militar no Brasil.

Figura 1 – Capa do livro



Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

O autor revela, com distinta perspectiva, fragmentos inerentes ao golpe de 1964, dando voz a personagens reais pertencentes a mesma história, mas que ainda permaneciam silenciados. A obra apresenta elementos que mostram possíveis cenários sobre o que teria sido viver e sobreviver à ditadura e poder contá-la. Esse arranjo imiscuído à memória possibilitou adequar vozes narrativas que se alternaram como um vaivém fragmentário de história oral, imprimindo ao conjunto da obra uma base alinhada com a finalidade do autor.

Nesse momento, faremos a contextualização dos episódios inerentes a cada capítulo, destacando determinados fragmentos, e em seguida, apresentaremos os resultados de nossas análises sobre os capítulos VIII, IX e X, denominados respectivamente: *Nem tudo foi milagre*; *A domesticação dos selvagens* e *Os passos da integração*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A justificativa da escolha dessas partes do livro está no tópico *Introdução*.

#### 4.1 Nem tudo foi milagre

Vilalba lançou mão do laudo gerado pela antropóloga Maria Lucia Brant, priorizando os relatos factuais como base para seus quadrinhos. Os balões de fala e as frases aspidas foram reproduções literais do relatório, conservando a forma da pronúncia e a reprodução do laudo<sup>3</sup>, como as falas são fontes secundárias, conservar seus atributos resguardam a elas, características de fontes primárias, como podemos observar na figura a seguir:

Figura 2 – Imagens do capítulo VIII (*Nem tudo foi milagre*, p. 81)



Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

Trinta e dois aldeamentos indígenas, de famílias que viviam na margem esquerda do rio Paraná, foram inundados. Assim como as terras das famílias de agricultores que viviam na região desde os anos 50. Em março de 1982, os conflitos pela terra levaram famílias indígenas a se refugiar no Paraguai. Aqueles que conseguiam permanecer na terra conviviam com ameaças de comerciantes.

<sup>3</sup> O laudo está disponível no site do Centro de Trabalho Indígena: [www.trabalhoindigenista.org.br](http://www.trabalhoindigenista.org.br) INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Figura 3 – Imagens do capítulo VIII (*Nem tudo foi milagre*, p. 82)



Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

Nesta página, Vilalba retrata a história vivida por Narcisa Tacua, nascida no Ocoy-Jacutinga, em 1924, nos balões de fala, a indígena cita que moravam cinquenta famílias na aldeia Guarani, próximo ao rio Iguaçu, onde hoje é o Parque Nacional do Iguaçu. Também diz que viu a guerra se formar com a intenção de banir os índios Guarani daquele território, matando praticamente todos. Além disso, relata que cortavam a barriga dos índios com facões e depois arremessavam os corpos nas cataratas.

A autenticidade das ocorrências narradas nas imagens apresentadas anteriormente, mostra aquilo que é considerado originalmente transmissível, pois, os protagonistas perpassam ao leitor/observador a duração material de seus testemunhos históricos. Os incidentes ocorridos com os povos indígenas, durante a ditadura militar, são reproduções de um espaço que pertence a uma certa temporalidade, e o testemunho de cada ator torna-se instável. Essa instabilidade é o que pode provocar a credibilidade da coisa, visto que, conserva determinada tradição, e, ao mesmo tempo, pode assumir outras perspectivas sobre uma mesma ocorrência. Assim, produz presença num espaço

pertencente ao seu marco temporal, e que se constitui a cada observação em materialidades da comunicação.

#### 4.2 A domesticação dos selvagens

Esse capítulo foi construído a partir da série de reportagens publicadas pelo site: Agência Pública<sup>4</sup>. A principal fonte que revela o extermínio de aldeamentos indígenas no período da ditadura está no *Relatório Figueiredo*<sup>5</sup>, no qual, se expõe como os índios sofreram com o processo de militarização e a criação da Guarda Rural, revelando também mais um episódio da história onde houve genocídio indígena, e como as investigações da Comissão da Verdade tem avançado para desvendar esse período.

A domesticação dos selvagens, lema que parece ter resistido às transformações dos séculos e feito parte de instituições, apresentava supostamente o objetivo de preservar os direitos indígenas, no entanto, acabaram responsáveis por colônias penais disciplinares. Para muitos indígenas, o regime militar ficou marcado por homicídio, roubo, além de punições por atos classificados como: insubordinação, indisciplina e embriaguez. Foi descoberto, no Rio de Janeiro, um relatório compilado entre 1967 e 1968. O *Relatório Figueiredo* foi resultado das investigações lideradas por Jader de Figueiredo. Sete mil páginas descrevem vários processos de tortura e prisão de índios, muitos foram inocentados pela justiça. Até o relatório ser encontrado, acreditava-se que ele havia sido eliminado em um incêndio no ministério da agricultura.

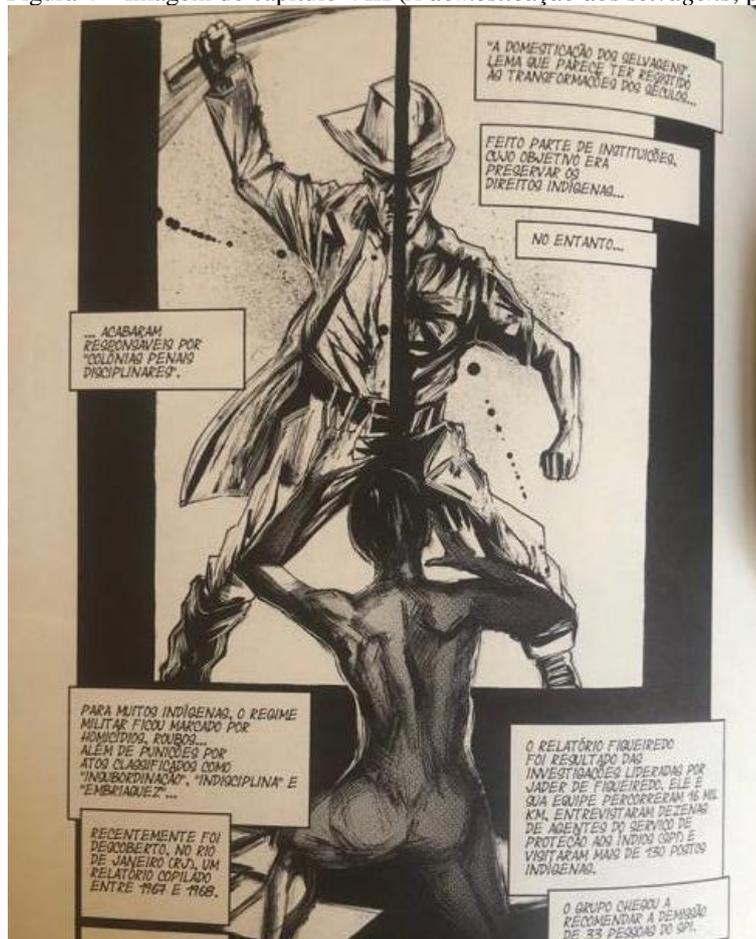
Em nosso entendimento a reportagem em quadrinhos de Robson Vilalba produz presença porque foi aprofundada, permitindo a inclusão de outros textos e fazendo emergir personagens ainda esquecidos pela história que conhecemos. Como exemplo, podemos notar a inclusão do *Relatório Figueiredo* e da Agência Pública, neste capítulo.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [www.apublica.org](http://www.apublica.org)

<sup>5</sup> Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Figura 4 – Imagem do capítulo VIII (*A domesticação dos selvagens*, p. 56)



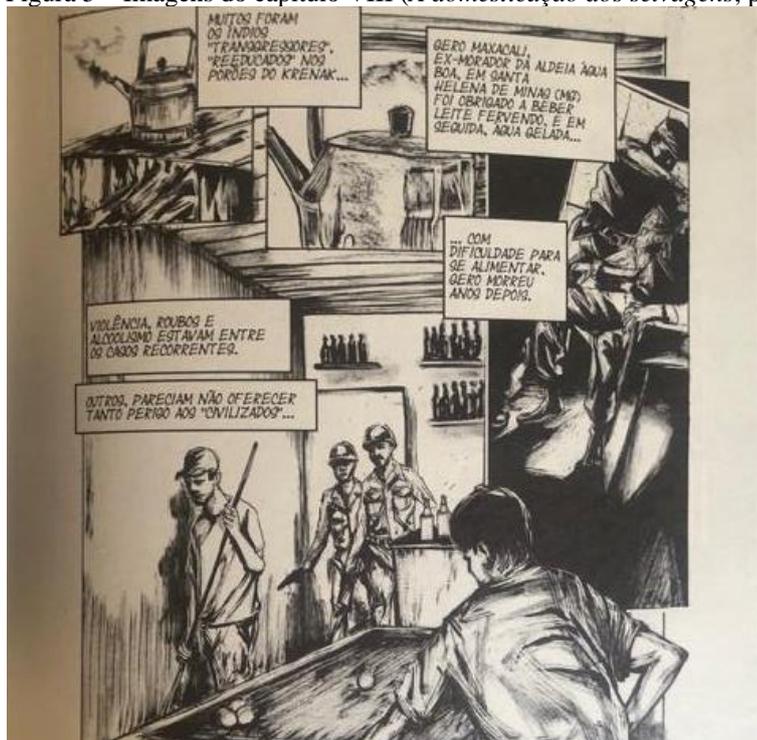
Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

Vilalba descreve o Reformatório Krenak<sup>6</sup> como um local de reeducação de índios aculturados que infringem os princípios norteadores da conduta tribal. O autor ilustra tristes acontecimentos, e cita a tortura sofrida por Gero Maxacali, ex-morador da aldeia Água Boa, em Santa Helena de Minas Gerais, que foi obrigado a beber leite fervendo, e em seguida, água gelada.

Neste episódio, o autor buscou revelar os principais fatos e os grandes personagens do período autoritário, assim, observamos uma intensificação de passados violentados, pois, Vilalba priorizou o privado, retratando em imagens o cotidiano e a experiência pessoal de pessoas que viveram aqueles tempos difíceis.

<sup>6</sup> Prisão destinada a indígenas criada durante a Ditadura Militar do Brasil no município de Resplendor (MG).

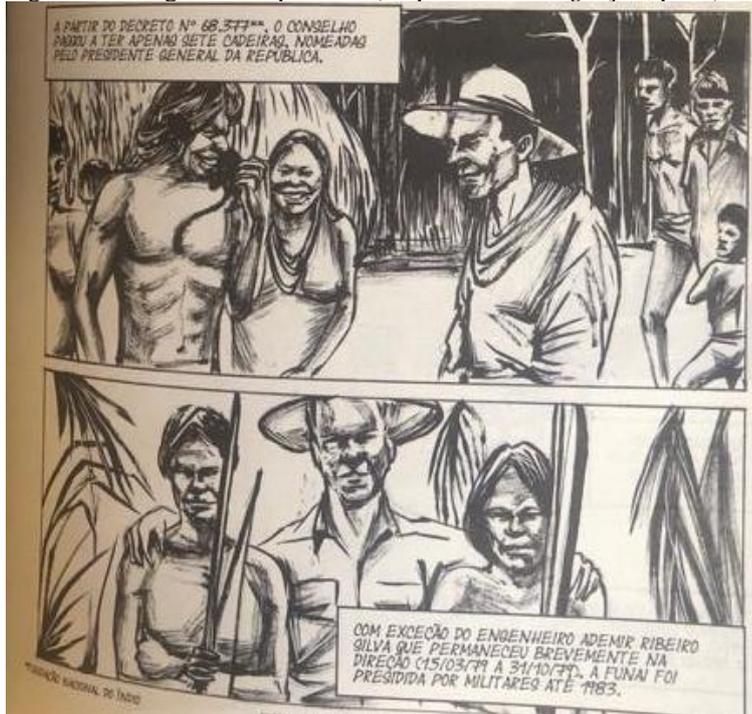
Figura 5 – Imagens do capítulo VIII (*A domesticação dos selvagens*, p. 59)



Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

### 4.3 Os passos da integração

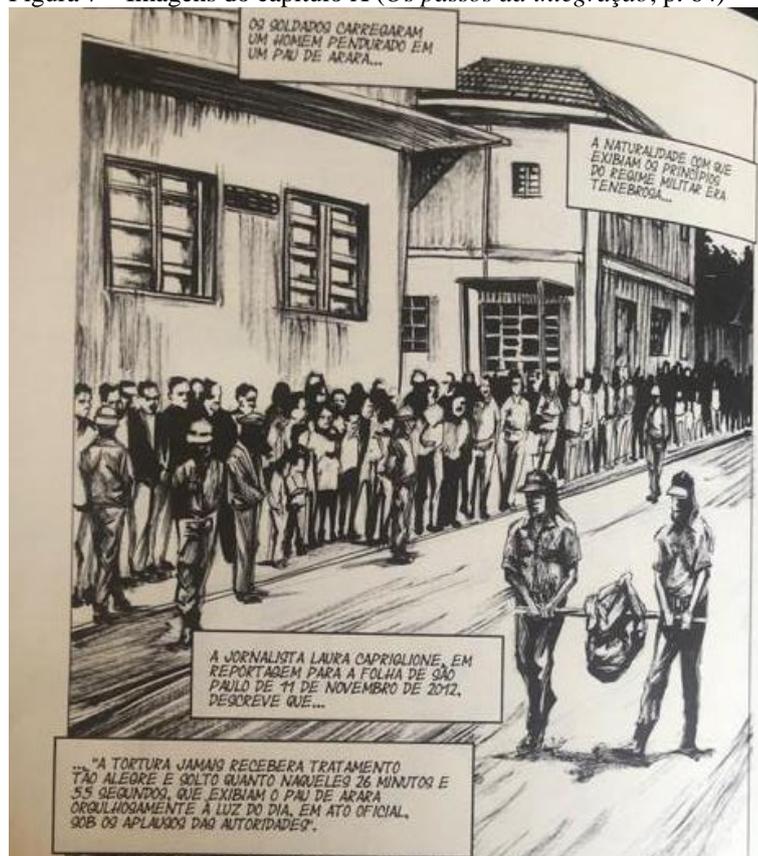
Vilalba elucida a história de Tiuré Potiguara, que foi perseguido, preso e torturado pelos militares. Conta que o indígena fugiu para o Canadá, país que o reconheceu como refugiado político, e somente em 2013, o Brasil lhe concedeu anistia por ter sido perseguido, preso e torturado ao lutar pelos direitos indígenas. O caso teve grande repercussão na imprensa mundial.

Figura 6 – Imagens do capítulo X (*Os passos da integração*, p. 61)

Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

Em novembro de 1969, deram entrada 84 índios no quartel da Polícia Militar de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Eram jovens de diversas etnias, constituindo a primeira turma do curso de formação da Guarda Rural Indígena. Marcharam para uma plateia repleta de crianças. A guarda indígena, no final da apresentação, carregava um homem pendurado em um pau de arara, a naturalidade com que exibiam os princípios do regime militar era tenebrosa. Os quadrinhos tiveram como referência, cenas do filme *Arara* (1970), do documentarista Jesco Von Puttkamer. O título do capítulo é uma menção direta à chamada, na capa, do *Jornal do Brasil* de 6 de fevereiro de 1970, que acompanhava a foto do desfile da Guarda Rural.

Figura 7 – Imagens do capítulo X (*Os passos da integração*, p. 64)



Fonte: *Notas de um tempo silenciado* (2015).

Percebemos que nossas atenções se debruçaram sobre o espaço das ocorrências aqui relatadas e analisadas, trazendo-as à frente, pois, elas têm e produzem presença. Portanto, tocamos espaços através de pequenos vestígios e percepções sensoriais latentes e efêmeras, alcançando, produzindo e presentificando corpos num lugar específico do tempo, em nosso material, no tempo da ditadura, e especificamente, aquela sofrida pelas comunidades indígenas.

Com isso, inferimos que o JQ apresenta por suas narrativas algo da ordem de presença indicando implicações diferentes por intermédio das narrativas apresentadas na obra em análise que provem de contextos marginalizados, de histórias vívidas e outrora ocultadas de alguma forma, e ainda que se mostram como emergência a partir do Jornalismo em Quadrinhos.

Como assegurado por Kehl (2015, p. 93), a versão criada por Robson Vilalba, aqui analisada, enfatiza a atrocidade do autoritarismo, dos conflitos pela terra no país, mantendo injustiças históricas e, naquele período, reprimindo questões legítimas e

plausíveis da mesma maneira com que governos militares sobrepujavam os grupos que faziam oposição política a ditadura. Nesses conflitos, foram mortos centenas de indígenas e de camponeses, além de padres que tentavam proteger essas populações vulneráveis da violência de fazendeiros e garimpeiros. Enfatizamos que o extermínio das populações indígenas foi produto do abandono e insensatez dos órgãos públicos diante das populações mais delicadas do país, que eram banidas de suas terras sem compensação, apreciadas como obstáculos ao desenvolvimento, num momento em que a censura à imprensa impedia que a sociedade urbana e politizada tivesse conhecimento das agressões praticadas.

Por fim, relacionamos essas passagens ao pensamento de Koselleck (2014, p. 19), mais precisamente, quando discute sobre o tratamento do tempo, dizendo que ele se organiza em torno de dois polos: o primeiro concebe o tempo de forma linear, como uma flecha, com um futuro indefinido, como uma forma irreversível de decurso. O outro imagina o tempo como algo recorrente e circular. Esse modelo destaca a retomada ou retorno do tempo. Os acontecimentos que envolvem personagens de nosso material analítico são capazes de evidenciar tais elementos, ou seja, podemos considerar como lineares os fatos que ainda ocorrem com comunidades indígenas no Brasil, extermínio de indígenas e indigenistas, aumento do garimpo e sua tecnologia de garimpar em terras indígenas. Já os recorrentes são tão perigosos quanto os lineares, pois, sua repetição tem o potencial de transformar tais acontecimentos em arbitrariedade, portanto, correm o risco de permanecerem ocultos nos estratos do tempo, porque não são discutidos.

## 5 Considerações Finais

Vilalba, através de textos e ilustrações, reconta e retrata situações ocultadas no/do tempo, deslocando-as para novos entendimentos e percepções. A necessidade de acolhimento dessas narrativas demonstra a intenção de levá-las adiante como uma realidade ativa com o poder de ser atualizada, não apenas produzindo sentido, mas produzindo presença. A obra *Notas de um tempo silenciado* dedica-se ao conhecimento de um passado específico, portanto, não é qualquer passado e nem mesmo fato, pois, é sobre a ditadura militar, em nosso recorte, aquela sofrida pelas populações indígenas.

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Júlio César Rocha Conceição; Rennan Lanna Martins Mafra.  
A emergência de experiências públicas no Jornalismo em Quadrinhos na contemporaneidade:  
produção de presença em *Notas de um tempo silenciado*. p. 170-189.  
DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp170-189

Nessas histórias, está presente o que Benjamin denomina de *intensificação de passados*. Enxergamos esse fenômeno com a suspeita adquirida através de nossas discussões sobre a presença de uma economia sentimental e da produção de realidade ficcional, voltados a um passado roubado no presente que sucede no *continuum* temporal.

Examinamos que a reportagem em quadrinhos, através do textual e imagético separados do conjunto discursivo e agora colocados nesse contexto intensificado da produção da realidade que contém um gesto historiográfico, tem a capacidade de mostrar alguma coisa que remete a *presença*, implicando diferentes narrativas em comparação com aquelas dadas e conformadas comumente pela sociedade. Enfatizamos a potência presente nas histórias que emergem através do JQ como experiências vividas que visam recuperar passados marginalizados, ampliando seus horizontes.

Notamos a potência existente no JQ, sua capacidade de revisitar através de reportagens com textos e imagens, episódios que não foram registrados, documentados com profundidade pelo jornalismo tradicional, abrindo horizontes, não pelo progresso, mas por uma orientação historiográfica ao passado. A ficção, no JQ, aparece como instituidora de *stimmungs* (atmosferas, climas) produzindo e mobilizando uma energia sentimental do vivido, da experiência e dos sentimentos emergentes da presença que juntos formam as materialidades da comunicação.

Estudos futuros sobre as experiências públicas do JQ podem ainda examinar as formas e linguagens expressivas do JQ em suas afinidades com passados marginalizados e violentados. Nesse lugar, reflexões sobre a questão da diferença/periferia como argumento factual para a consideração da emergência de um JQ torna-se gesto relevante acerca dos efeitos de sentido e de presença do próprio jornalismo na contemporaneidade. Nesse lugar, o factual se apresenta como esse movimento de conexão com o vivido, como a fabricação ficcional: não é qualquer vivido e testemunhal, mas o vivido e o testemunho de passados violentados, intensificados pelas lógicas e linguagens do JQ.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. PA, RS: L&PM, 2020.

BRAGA, José Luiz. **O que é comunicação?** Revista *libero*. v. 19, n. 38, p. 15-20, 2016. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/794>>. Acesso em: 15/04/2022.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEVITO, Fábio. **Jornalismo em Quadrinhos: subvertendo a objetividade com arte sequencial**. Kindle, 2020.

GUIA, Estudante. **Joe Sacco, criador do jornalismo em quadrinhos, fala sobre como escolheu sua carreira**. Publicado por Redação do Guia do Estudante, 2011. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/joe-sacco-criador-do-jornalismo-em-quadrinhos-fala-sobre-como-escolheu-sua-carreira/>> Acesso em: 06/04/2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação**. *Teresa revista de Literatura Brasileira* [10/11]; São Paulo, p. 386-407, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116873>>. Acesso em: 09/05/2022.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

KEHL, Maria Rita. **Nós, os índios do Brasil in Notas de um tempo silenciado** (VILALBA, Robson). Porto Alegre: Edições BesouroBox, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo. Estudos sobre história**. RJ: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

MORAES, Eloize *et al.* **Revista Arco realiza oficina sobre reportagem em quadrinhos com o jornalista Augusto Paim**. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/2021/02/24/oficina-quadrinhos/>>. Acesso em: 14/08/2021.

RANGEL, Marcelo. **História e *stimmung* a partir de Walter Benjamin: sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia**. Cadernos Walter

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Júlio César Rocha Conceição; Rennan Lanna Martins Mafra.  
A emergência de experiências públicas no Jornalismo em Quadrinhos na contemporaneidade:  
produção de presença em *Notas de um tempo silenciado*. p. 170-189.  
DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp170-189

Benjamin. v. 17, p. 1-12, 2016. Disponível em: <[http://www.gewebe.com.br/pdf/cad17/texto\\_10.pdf](http://www.gewebe.com.br/pdf/cad17/texto_10.pdf)>. Acesso em: 01/07/2022.

RANGEL, Marcelo. **Melancolia e história em Walter Benjamin**. Ensaios Filosóficos, v. 19, p. 1-12, 2016. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9577>>. Acesso em: 12/05/2021.

RODRIGUES, Vinicius. **Com quadrinhos, com jornalismo, com tudo!** Disponível em: <<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/quadrinhos-em-revista/com-quadrinhos-com-jornalismo-com-tudo/>>. Acesso em: 14/08/2021.

SACCO, Joe. **Reportagens**. 1 ed. - São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **O que é Jornalismo**. Quimera Editores, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. 1. Ed. – São Paulo: Criativo, 2017.

VILALBA, Robson. **Notas de um tempo silenciado**. Porto Alegre: Edições BesouroBox, 2015.

Recebido em: 01/10/2022

Aceito em: 16/12/2022